

**TNSJ**

TEATRO  
NACIONAL  
SÃO JOÃO  
PORTO

# ALICE





**Teatro Carlos Alberto**  
**11-15 dezembro 2013**

ESTREIA ABSOLUTA

# ALICE

**AUTORIA E ENCENAÇÃO**  
**CARLOS J. PESSOA**

A PARTIR DE *ALICE NO*  
*PAÍS DAS MARAVILHAS*  
E *ALICE DO OUTRO*  
*LADO DO ESPELHO*  
DE LEWIS CARROLL

dramaturgia e direção de produção

**Maria João Vicente**  
cenografia e figurinos

**Sérgio Loureiro**  
música

**Daniel Cervantes**  
vídeo

**Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro**  
assistência de encenação

**Nuno Nolasco**  
produção executiva  
**João Belo**

interpretação

**Andrea Lhamdan, Ângelo Carvalho,**  
**Beatriz Godinho, Beatriz Medeiros,**  
**Beatriz Silva, Carolina Amaral,**  
**Cláudia Gomes, Diana de Sousa,**  
**Ema Santa-Bárbara, Estela Silva,**  
**Gabriela Brás, Hugo Olim, Inês**  
**Costa, Ivo Luz, Jessica Soares,**  
**Joana da Costa, Joana Guerreiro,**  
**João Carvalho, Leandro Baptista,**  
**Mafalda Banquart, Mafalda Pinto**  
**Correia, Margarida Dias,**  
**Maria João Vicente, Maria Leite,**

**Mariana Magalhães, Mariana Silva,**  
**Marta Correia, Marta Dias,**  
**Martins Leidan, Mayra Ronda,**  
**Micaela Soares, Miguel Lemos,**  
**Miguel Mendes, Nuno Nolasco,**  
**Nuno Pinheiro, Raquel de Lima,**  
**Rebeca Cunha, Rita Figueiredo,**  
**Rita Marçal Grangeia, Tiago Jácome,**  
**Sebastião Maia**

coprodução  
**Teatro da Garagem, TNSJ**

dur. aprox. **1:20**  
**M/12 anos**

qua-sáb **21:30** dom **16:00**

Projeto realizado com a  
colaboração da **ACE Escola**  
**de Artes, Balletteatro Escola**  
**Profissional, Escola Superior**  
**Artística do Porto e Escola**  
**Superior de Música, Artes**  
**e Espetáculo.**

o TNSJ é membro da





MARIA JOÃO VICENTE

*ALICE* é o primeiro espectáculo do ciclo Caminhadas Especulativas, que o Teatro da Garagem levará a cabo durante o próximo quadriénio.

O objecto que agora levamos à cena parte de um namoro furtivo, do decalque das moedas doiradas que constituem o tesouro de uma cultura que amamos. Este dobrão de ouro antigo, ou lata sublime, este falar escrito do Ocidente que sobe ao púlpito, que se prostra diante do altar, que convoca o hemisfério, que repercute serões esforçados e bebedeiras insanas; este latão sublime, este texto fabricado de brilhos e incandescências, retoques e morfologia cuidada, tal como entradas de uma enciclopédia temática, ou urdidura de tapeçaria, este dobrão latão cão, este texto que se nos deu a ver na obra de Lewis Carroll, esta Alice, não cessa de nos enfeitiçar e de nos acordar do feitiço.

Não sabemos se o autor de *Alice no País das Maravilhas* promoveu rupturas com os mecanismos artísticos vigentes no seu tempo. Não estávamos lá. Supomos que ser original não é original; a origem está no velho, não no novo. O novo é o lugar do ovo. O ovo é sobretudo o enigma de ficar em pé.

Traçar um caminho não leva necessariamente a um sítio ou lugar determinados, mas permite encenar um sem-número de possibilidades. É por isso, presume-se, que continua a haver campeonatos de xadrez.

Caminhar implica percorrer um caminho, implica uma acção. Especular, por sua vez, determina a observação atenta, o espelhar do mundo, na tentativa, reiterada, de um diálogo fértil com o mesmo. Este diálogo é, por natureza, inacabado. Caminhar e especular constituem-se como indícios de uma proposição que antecipa a condição rarefeita da pessoa: em permanente construção de si própria num gesto, físico e metafísico, que reverbera e reinicia a noção de ser e estar.

Cada um é e está, porventura, na intersecção provisória das suas caminhadas especulativas.

A que ora se inicia tem por mote, sobretudo, *Alice do Outro Lado do Espelho*, irmã mais desconhecida da *Alice no País das Maravilhas*, no seu confronto teatral, aqui e agora, com os intervenientes, os artistas profissionais e não-profissionais, todos nós que nos damos a nós, numa experiência estética híbrida de carácter suburbano. Porquê subúrbios?

“É no subúrbio, geográfico e social, que a urbe futura se projecta, em ampla comunhão de vivências e interesses distintos. Nos sobressaltos de gente anónima, adquire voz a liderança e o rumo dos povos.” Isto é dito pelo ovo, amputação do novo.

Como Alice, atravessar o espelho, caindo, lentamente, em hipóteses de nós – que cada um, no mistério que o formula, decide explorar.

Na construção do espectáculo, na concretização intuitiva da especulação, desta caminhada breve e intensa, esteve presente a ideia de saltos para a água: saltar, riscar o ar e mergulhar. Esta dupla inscrição, no ar e na água, clama a impossibilidade gritante, o berro de um esforço cognitivo cujos signos, tão denodadamente perseguidos, de imediato se perdem em ar e água! Este berro surdo, esta barulheira aflita pela incompreensibilidade do mundo, deixa-se consolar e entreter pela distração lúdica, alívio de males maiores, bem maior, ámen (!), do bom humor.

Não sabemos se o impossível se torna real através do jogo. Torna-se pelo menos risível.

A Alice *garagiana* é uma criança aventureira, de agora, que desnuda o mundo, com a irresistibilidade inocente de gestos desarmantes; a arma revolucionária de Alice é o seu fulgor juvenil, o seu *ethos* fluente, articulado em desejo e espanto.

Na sofisticação de um gesto brusco, como um animal ciente da sua eficácia primitiva, Alice acciona uma reacção em cadeia de consequências radicais, uma caça do tempo e do espaço justos. Esta justeza não se desdobra num mapa simples, aliás, são as dobras que vincam o seu cunho fraterno. A justiça, justeza, de Alice elege-se na presunção de um voto, de uma fé que não se deixa esmorecer. O credo de Alice, tal como a sua meninice implacável, não tem fim. Alice recusa programas – políticos, digitais, industriais, ou outros –, antes mergulha na fímbria do caldeirão humano, sempre excessivo, sempre fascinante e cruel, pronta a resolver, sem sacrifícios ou anátemas, a questão da coisa afectuosa que, desordeiramente, a diz.

Quem diz Alice diz senha, diz A.L.I.C.E., como o “Abre-te Sésamo!” da caverna de Ali Babá, esse lugar remoto no interior da alma que talvez tenha sido casa primeira, casa derradeira, eco de casa... casa habitada, no frio desta noite, no calor deste dia.

*Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.*





# Sobre o gesto derradeiro de *Alice do Outro Lado do Espelho*

CARLOS J. PESSOA

*Alice do Outro Lado do Espelho* serviu de pedra-de-toque a este espectáculo.

Numa casa de espelhos presume-se o indecifrável: o alto torna-se baixo; o comprido, curto; o gordo, magro; o princípio, fim; o meio, vazio; o vazio, cheio; etc., etc., reverberando mais e mais reflexos que abalam a estabilização da imagem, o real comumente aceite. O outro lado do espelho revela a mecânica atroz, cruel e magnífica, de estilhaços intrusivos no vislumbre da forma. Se *Alice do Outro Lado do Espelho* representa o espaço-tempo absoluto desligado de todas as interferências, já que se basta a si próprio na injunção das mesmas, a prisão absoluta do cognoscível determina o puxão da toalha de mesa, o gesto derradeiro de Alice, que fará esquecer todas as porcelanas.

O puxão da toalha é a emoção antiga, aquela que foi liberta da anexação pela realidade que traiu a confiança. A emoção que se furtou com elegância à miríade absorvente de pequenas regras que determinavam o que devia ou não devia ser feito, a moral, a política e os costumes. Mas se o puxão da toalha



tem este carácter libertário, de existência em crise que floresce, se abre a porta da cela do cognoscível para o encanto do prado afectivo, não deixa, creio, de acentuar uma ética esforçada, ou até desesperada, a que apesar de tudo sobra mais a ironia que a normalização.

O quadro ético de Lewis Carroll, ao que consigo intuir, pressupõe a humanidade solitária como resposta às grandes questões por ela colocadas. Por exemplo: e se por hipótese fôssemos os únicos no universo a perguntar pela origem do universo? Significaria isso, porventura, que a resposta éramos nós... Essa hipótese tremenda implicaria, seguramente, uma organização radical do nosso tecido social; concebermo-nos e agirmos como um super-organismo, uma termiteira avassaladora, uma colónia de formigas vermelhas em perseguição furiosa de si própria; uma lagarta composta por infinitos segmentos que se movimenta em direcção à metamorfose derradeira, aquela em que nos confundimos com o universo, em que o universo se torna o nome humano, em que a extinção, bem como a luz, ocorrem em igual medida.

Por outro lado, se tenho de percorrer um tabuleiro de xadrez até me tornar rainha, Alice, rainha, universo, que ocorre nesse percurso? Tenho Zenão a soprar-me ao ouvido o seu paradoxo? A impossibilidade de percorrer a distância que vai de A até B, porque posso segmentar infinitamente a distância enunciada... Mas se entre A e B existem infinitos pontos a ser percorridos, então cada ponto possui em si infinitas possibilidades de segmentação, logo, cada ponto é infinito... Posso afirmar que: 1 pires =  $\infty$ ? Como o Teatro da cadeira vazia de Macbeth = Banquo + Rei + Bruxas + ... O ponto-objecto teatral é ignição de possibilidades incríveis e dinâmicas. O universo feliz da imaginação de uma criança com sete anos e meio!

Que quer isso dizer?

O *ethos* Alice é uma animação infinita, uma festa frenética! Na experiência de cada coisa que pulsa está a expressão de tudo!

O cognoscível deixa de ser lógico para se tornar estético. Pensável q.b. sem vincos categóricos. Esquissos de intenção em zonas entreabertas. Do outro lado do espelho vislumbra-se o entre. A coisa macia que dança, sensual, arrebatadora.

A eficácia da técnica que sustenta a repetição permite-se substituir à inefabilidade da beleza que sustenta a singularidade.

A uma precariedade democrática sufocante sucede a anarquia atentamente fluida de quem se doa ao infinito.

Esta entrega tem menos de ilusório que a habitual prudência consensualizada. Permite à liberdade cativar e adensar a fraternidade do encontro com todos vós. Permite a cada um ser mais que a soma das suas conveniências e artifícios, postando sinalizações que irradiam indefinidamente um sentido secreto. Este não se permite esgotar em divagações nebulosas. Em vez disso, floresce num gesto de franqueza, numa manifestação afectuosa encharcada de verdade.

A verdade, é certo, não existe, embora seja viável a hipótese de um gesto encharcado da mesma. Puxar uma toalha de mesa como quem diz basta, sem receio das consequências.

Frigorífico vazio e coração cheio!

Frigorífico vazio e coração cheio.





# 45 alices

SAMUEL GUIMARÃES\*



*(eat me/come-me)*  
Percy Stow e Cecil M.  
Hepworth – *Alice in  
Wonderland*, 1903.

Multidões, acumulações, tumultos, montões, filas, ajuntamentos, montões, filas, ajuntamentos, pululamentos, exércitos, bandas, debandadas, fugas, bancadas, procissões, colisões, massacres, carnificinas, comunhões, dispersões, um excesso, um transbordar de corpos sempre em massas compactas e ao mesmo tempo em divagações pulverulentas, sempre reunidos (nas ruas, em conjuntos, megapolis, lugares de trânsito, de vigilância, de comércio, de tratamento, de esquecimento).  
Jean-Luc Nancy – *Corpus*. Lisboa: Vega, 2000.

---

\* Núcleo de Educação  
Artística do iZADS  
– Instituto de  
Investigação em Arte,  
Design e Sociedade,  
Faculdade de Belas  
Artes da Universidade  
do Porto.

Um teatro cantina, um teatro abrigo, um teatro como uma meditação política – propõe a Garagem.

Detalhe do *Bestiário de (Rochester?)*, século XIII, 2.º quartel, Inglaterra.



$$N = (360^\circ/\text{ângulo}) - 1 \mid N = (360/180) - 1 = 1 \mid N = (360/90) - 1 = 3 \\ N = (360/30) - 1 = 11.$$

Os espelhos, as suas imagens, obedecem à lei da reflexão: o *ângulo de incidência* é igual ao *ângulo de reflexão*.

Sendo  $N$  o número de imagens refletidas =  $(360^\circ/\text{ângulo}) - 1$  (a imagem real). Assim,  $N = (360/180) - 1 = 1$ ;  $N = (360/90) - 1 = 3$ ;  $N = (360/30) - 1 = 11$ . Esta multiplicação, por aqui em diante ao infinito, dinamita os reais que naturalizamos ou normalizamos como verdades.

Os espelhos (de Alice) dinamitam as nossas maiores verdades. Suportes do cotidiano, da física e da magia, da beleza e do terror, da guerra e da astronomia, do azar e do prazer, dos muitos femininos e dos muitos masculinos, possibilitam um confronto contínuo (frágil porque efêmero), cheio de humor, sobre o **tempo**, o **acaso**, a fixação da **memória** e a da sua **suspensão**, sempre numa tensão entre lugar e “coisa”, humana, não humana, inumana ou mais que humana.

À procura de uma incisão, da liberdade de uma incisão. Da liberdade da experiência do lugar, 45 alices procuram 1 lugar. E neste lugar acampam. Um acampamento que, como todos os acampamentos, é avesso ao sedentarismo. 45 alices *por detrás do espelho* (e à frente das escadas rolantes, e em frente do tremelicar do dente de leão) produzem uma força. A força da presença em palco de mais de 40 pessoas, 40 corpos, 40 reis e rainhas num país de autocráticos monólogos, mostra o que me parece cada vez mais interessante como possibilidade: criar condições para que comunidades efêmeras se instalem. Porque a efemeridade é avessa à eficácia, porque lhe retira funcionalidade, sem lhe tirar o rigor.

Assim, aqui tal como alices, nós público, eles (também público de si mesmos, durante a duração do espetáculo) apontam e mostram, aliás, são uma garantia tridimensional do processo de perdas de identidade sucessivas que percorre a constância de uma efemeridade.

Ganha-se a marca da repetição e da proposta. Nos ensaios, montado o dispositivo de cada cena, trata-se de quem a faz responder por si e em opção de proposta. (De todos os comentários de quem a fez, o mais repetido foi *a liberdade de propor*.) O que implica uma ação. Uma decisão. Um risco controlado no rigor da execução, descontrolado na multidão de pernas, músculos, cabelos, pensamentos em gestos, num tabuleiro reticulado de xadrez. Várias vezes nos é repetido: Alice é uma *criança humana*. E não podemos avançar para o humano sem trazer o inumano.

ALICE: Este deve ser o bosque em que as coisas não têm nome...  
e agora quem sou eu?

Os paradoxos do chamado tipo “Sê espontâneo” variam em intensidade, vão das zangas rotineiras até às armadilhas trágicas, de acordo com a importância da necessidade expressa através deles. Um dos pontos fracos da comunicação é que não é possível haver uma realização espontânea de uma necessidade através de uma outra pessoa sem criar este tipo de paradoxos autodestruidores. Uma mulher que precisa de um sinal de ternura do marido acaba por lhe dizer: “Gostava que às vezes me trouxesses flores”. O pedido é compreensível, mas ao fazê-lo ela arruinou irreversivelmente as suas hipóteses de conseguir aquilo que quer; se o marido ignorar o pedido ela sentir-se-á insatisfeita, se ele lhe trouxer flores ela também se sentirá insatisfeita, porque ele não o fez por vontade própria.

Paul Watzlawick – *A Realidade é Real?*. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

Quem compra um bilhete faz parte de um nome “público” que experimenta naquele momento ser público. Não mais. Comunidade será a que vai ser, a que nunca se atingirá porque senão seria ficar um ovo. *Comunidade efêmera* será então uma ideia, um convite a refletir sobre como os processos artísticos podem ser experiências de perda de identidade, configurando a perda como o ganho do instigador, o ganho de aprender a “surfear” entre sou ação – sou pausa. Sou homem a fazer de rainha – sou mulher a fazer de rei. Sou reflexo – sou incisão. Sou incidência e sou reflexão. Uma consciência humana do singular através de um boneco. O muito artificial do “boneco” em cena para que se exponha, se distancie, evidenciando a singularidade de cada corpo aqui presente. O deles e o nosso, agora que estamos aqui sentados na cadeira à espera de começar. Ou em casa ou no café, a pensar no acabar. Uma comunidade em circunstância que produz paradoxo. Um dispositivo controlado, nada espontâneo nas suas variáveis para (nos) provocar descontrolo. Paradoxo para uma *loucura lúcida* (nome psiquiátrico para a paixão patológica).

QuinRose, Delico  
Psyche, Owl  
Shinotsuki – Alice  
in the Country of the  
Hearts: My Fanatic  
Rabbit. New York:  
Yen Press, 2013.



ALICE: (Recordando a canção de um jogo.) Amo o meu amor com um F porque é Feliz. Odeio-o com um F porque é fútil, dou-lhe de comer uma sandes de Fiambre e Feno.

Percy Stow e Cecil M.  
Hepworth – Alice in  
Wonderland, 1903.



Pesagem. Aflorar, roçar, premir, cravar, apertar, alisar, raspar, esfregar, acariciar, apalpar, tatear, amassar, friccionar, abraçar, estreitar, bater, beliscar, morder, sugar, molhar, segurar, lamber, abanar, olhar, escutar, cheirar, saborear, evitar, beijar, embalar, balançar... mesmo sem síntese, tudo acaba por comunicar com a pesagem, um corpo pesa sempre, ou deixa-se pesar, sopesar. Jean-Luc Nancy – *Corpus*. Lisboa: Vega, 2000.

HUMPTY DUMPTY: Algumas das palavras têm bastante mau gênio... Especialmente os verbos, esses são os mais orgulhosos. Com os adjetivos podemos fazer tudo o que nos dá na real gana, mas não com os verbos.

E agora, caro Leitor, cara Leitora, *agora que já nos vimos um ao outro. Se acreditares em mim, eu acredito em ti, de acordo?* (Unicórnio para Alice), perco a timidez de quem se senta na cadeira a seguir à sua, e pergunto: Para si, quanto pesa “Alice”?



Percy Stow e Cecil M. Hepworth - *Alice in Wonderland*, 1903.





## Teatro da Garagem

Companhia fundada em 1989, dedica o seu trabalho artístico à pesquisa e experimentação, através da investigação de novas formas de escrita para teatro e de novas formas cénicas que a acompanham.

A companhia trabalha com um autor/encenador residente, um músico, um núcleo de atores, uma equipa de produção, um dramaturgista, um desenhador

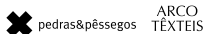
de luz, um cenógrafo e figurinista. Para além das criações próprias, a partir de textos originais de Carlos J. Pessoa, a companhia desenvolve um trabalho com a comunidade, através das atividades do Serviço Educativo, e dá a conhecer o trabalho de novos criadores através do Ciclo Try Better Fail Better.

O Teatro da Garagem reside, desde 2005, no Teatro Taborda, espaço para o qual foi convidado pela EGEAC/Câmara Municipal de Lisboa.

#### FICHA TÉCNICA TNSJ

coordenação de produção **Maria João Teixeira**  
assistência de produção **Eunice Basto**  
direção de palco (adjunto) **Emanuel Pina**  
direção de cena **Cátia Esteves**  
maquinaria de cena **António Quaresma,**  
**Carlos Barbosa, Joel Santos**  
luz **Filipe Pinheiro, Abílio Vinhas, Adão Gonçalves,**  
**Nuno Gonçalves, José Rodrigues**  
som **António Bica, Joel Azevedo**

#### APOIOS TNSJ



#### APOIOS À DIVULGAÇÃO



#### AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo  
Instituto de Emprego e Formação  
Profissional/CACE Cultural

#### AGRADECIMENTOS TEATRO DA GARAGEM

Andreia Inácio  
Ana Vicente  
Carmo Rothes  
Eva Ramos  
Glória Cheio  
Inês Vicente  
Isabel Barros  
Luísa Marques Vicente  
Pedro Aparício  
Pedro Soares  
Samuel Guimarães  
Teresa Mendes

#### Teatro Taborda

Costa do Castelo, 75  
1100-178 Lisboa

#### Teatro da Garagem

T 21 885 41 90  
TM 96 801 52 51  
geral@teatrodagaragem.com  
www.teatrodagaragem.com

#### Teatro Nacional São João

Praça da Batalha  
4000-102 Porto  
T 22 340 19 00

#### Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43  
4050-449 Porto  
T 22 340 19 00

#### Mosteiro de São Bento da Vitória

Rua de São Bento da Vitória  
4050-543 Porto  
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt  
geral@tnsj.pt

#### EDIÇÃO

#### Departamento de Edições do TNSJ

coordenação **João Luís Pereira**  
modelo gráfico **Joana Monteiro**  
paginação **João Guedes**  
fotografia **João Tuna**  
impressão **Lidergraf, Artes Gráficas, S.A.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



RARRAZOAD

Grilhente er

Girupyavom

Mimociosos

E OS

